CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

A VIAGEM PERMANENTE – O CINEMA INQUIETO DA GEÓRGIA | REGRESSOS DO QUOTIDIANO NORMAL 2

29 de Outubro de 2020

ERTI KAKHVIT CHEKVAREBA / 1975-1987

"AMOR À PRIMEIRA VISTA"

um filme de REZO ESSADZE

Realização: Rezo Essdze *Argumento*: Eduard Topol *Fotografia:* Iuri Vorontsov *Som:* Guennadi Korkhovoi, Zurab Nadaria, Guram Chubladze *Montagem*: Ofelia Guevorkiani, Neli Kristessachvili, Leda Semionova *Música:* Iakov Bobokhidze *Direcção artística*: Guiorgui Kropatchov *Interpretação*: Vakhtang Pantchulidze (Murat), Natalia Iurizditskaia (Ania), Ramaz Tchkhikvadze (Akram), Kakhi Kavsadze (Selim), Salome Kantcheli (Assiad).

Produção: Lenfilm, Gruzia Film (URSS, 1975-1988) *Produtores*: Iuri Golintchik, R. Matchabeli *Cópia*: GNFC-Centro Nacional do Cinema Georgiano, 35 mm, cor, falada em georgiano e azeri, legendada electronicamente em inglês e português, 88 minutos (versão de 1987 "do realizador") *Primeira exibição pública*: 1 de Dezembro de 1975 (versão censurada); 6 de Março de 1987 (versão do realizador) *Inédito em Portugal*.

SESSÃO APRESENTADA POR MARCELO FELIX

Amor à primeira vista, o título não engana. Em versão georgiana nos anos 1970, outro dado de partida. Vamos vê-lo numa bela cópia 35 mm, que mantém a paleta de cores fortes e a definição apurada da fotografia que marca sobremaneira esta crónica de amor juvenil frustrado do georgiano Rezo Essdze. O seu ambiente e o seu tom, uma enérgica desgarrada que circula no meio popular da sociedade georgiana da época rodopiando à volta da paixão fulminantemente sentida por Murat no momento da sua visão de Ania. Apercebida como uma musa da pintura antiga pelo rapaz depois de agarrar a maçã na varanda a que trepou para ir buscar uma bola chutada com força excessiva, a imagem de Ania fixa-se na cabeça do rapaz que há-de ir buscar uns binóculos em casa, dando-nos a ver o que vê: a rapariga no quarto enquadrada pelas linhas do instrumento de lentes. Aí vestida, antes nua com um livro nas mãos, pose de odalisca. Faça chuva ou faça sol, a janela da amada passa a posto de espera. Numa económica sequência em que os cortes entre planos fazem avançar os dias em continuidade de trajecto, mudanças de vestuário, os passos da rapariga passam a ser o trilho que o rapaz segue à distância, não muita, e sem reserva.

Não faltam pois nem o fruto proibido nem a shakespeariana janela. Já antes, de chofre, a história de Otelo e Desdemona irrompe no filme numa representação de rua, com o narrador a repetir em *off* algumas das deixas do vagamente desvairado actor ambulante. Bizarra combinação, a dos planos de abertura que sobrepõem um espectáculo histriónico de rua com literatura clássica, representação grotesca, uma gravura da cidade a fundir com a vista realista da paisagem urbana e a sua gritaria. Uma questão de matança de ovelhas é o segmento seguinte, comentado no primeiro plano de intertítulos redondos sobre fundo vermelho que, a partir daí, surgem recorrentes. O mesmo se passa com as intervenções do narrador, frequentemente traduzindo as falas em azeri (a questão da língua, relevante também neste filme), mas apontando outras notas. "AMOR À PRIMEIRA VISTA" vai conjugando elementos, ligando vozes díspares, associando a comédia, que pode ser paródia, ao drama, que não recua diante do patético. E o retrato social, dimensão trabalhada no mesmo ímpeto ora mais garrido ora mais adocicado.

Joga-se aí a curiosidade do filme de Rezo Essdze (1934-2020), actor de uma filmografia relativamente extensa, e realizador de dois punhados de títulos, com formação científica na Geórgia, uma licenciatura no VGIK de Moscovo, onde terá estudado com Mikahil Room, anos antes de ele próprio dar aulas numa faculdade em Tiblissi. São os dados mínimos do seu percurso. A informação disponível também esclarece que os seus filmes mais conhecidos são as longas-metragens de ficção TCHETIRIE STRANITSI ODNOI MODOLOI JIZNI (1967), SEKUNDOMER (1971) e NEILONIS NADZVIS KHE (1985). Quanto a "AMOR À PRIMEIRA VISTA", como refere a nota de apresentação, resulta de uma produção complicada iniciada em 1973 nos estúdios soviéticos Lenfilm, mas interrompida e retomada mais tarde nos estúdios georgianos Kartuli Pilmi. Concluído em 1975, o filme foi estreado em 1977 numa versão censurada, antes de ser fixado na "versão do autor" em 87. A censura à cena da matança da ovelha terá estado na origem do confronto do realizador com o censor.

Passa-se nos primeiros minutos, bem alvoroçados pelas discussões de pátio entre vizinhos, palpites, cantoria, uns passos de dança, uma explosão. E é quando o narrador apresenta "o herói" no *off* sobre um sorridente grande plano do rapaz. "Mas ainda é cedo para falarmos nele." Estamos no palco do pátio, de que saímos nuns vivos planos de corrida atrás de um bando de rapazes para o jogo de bola que leva o protagonista à varanda. *Já estamos a falar dele*, por assim dizer. A corrida de volta faz-se na suspensão que atingiu o rapaz, doravante enfeitiçado. O resto segue a história dele, com o ciúme à mistura, a tenacidade que se impõe, mas também a orfandade e a partida da rapariga que perde a mãe entretanto. Sem correspondência, o amor não tem volta a dar senão a vertigem sobre si mesmo. E a vida continua, na agitação do pátio, os passinhos da irmã dançarina, problemas adjacentes a preceito dos costumes que obrigam a casamentos arranjados, ou de alguma maneira convenientes. A rapariga não vai para o convento, casa-se em elipse. Ninguém se atira para debaixo de um comboio, não estamos em território Tolstói, além de neste filme os dados do lugar comum serem trocados pela inversão de papeis. Para o exército marcha o romântico rapaz, voltando a pôr em primeiro plano outra das questões em fundo no filme. O narrador não "traduz" a intervenção em linguagem gestual do contador de histórias, as explosões acidentais prosseguem em casa do vizinho descuidado. O sentido de humor não abranda. Antes do desfecho a cor-de-rosa onírico, embalado por canções georgianas de amor, diz o cartão: "Como o autor recompensa a confiança do público com o final feliz."

Maria João Madeira